

Xilogravura e Idade Média

Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho

É, no mínimo, curiosa, a permanência de uma técnica (e uma arte) que floresceu quando a reprodução dava os primeiros passos, no sentido de ruptura com a obra única e da elaboração de cópias que possibilitariam a circulação de documentos.

O fato da xilogravura ter sido uma modalidade a que se recorreu na Idade Média, principalmente na fase chamada de Baixa e ainda hoje, por exemplo, numa tipografia de Juazeiro do Norte, como a Lira Nordestina, é significativo não do primado do atraso, mas da convivência de vários tempos e vários níveis, numa cultura que tem nesta pluralidade e nestes contrastes uma prova de sua vitalidade e de sua riqueza.

Pode-se referir à lenta substituição dos desenhos que constituíam as capitulares, que ornavam os saltérios e bestiários por entalhes xilográficos, como o alfabeto xilográfico de Bâle (1464), o Apocalipse de Jean Duvet (1561) ou os pecados capitais de Breughel gravado por Cook (1577), o que segundo BALTRUSAITIS (1988, p.196) constituía "le décor du livre".

Não é por acaso que predominam na xilogravura popular nordestina os temas religiosos, sendo frequentes as Vias Sacras, o Apocalipse ou mesmo uma visão de personagens históricos como Padre Cícero ou Lampião vistos numa contextualização, onde o sagrado se afirma em detrimento de uma laicização que a lógica sugeriria.

Mas não se esgota nesta afirmativa o ponto de partida deste relatório. O Nordeste brasileiro, através de uma manifestação que lhe é tão peculiar, como a xilogravura, expressa uma concepção medieval do mundo, dando ênfase ao que BAKHTIN (1987, p. 351) ressaltaria como categorias do



Xilo: Acabamento - José Lourenço - 92

"medo e sofrimento", em que o superior e o inferior teriam uma significação absoluta, sendo o bem superior e o mal inferior. Destaque-se a ausência de um movimento horizontal que não tinha e ainda hoje não tem, de acordo com a hipótese que estou levantando,

uma importância neste contexto.

O tempo em Juazeiro do Norte é, segundo Jerusa Pires Ferreira, o da peregrinação, o da busca da unidade, de um continuum de ritos, da integração ou compatibilidade entre o sagrado e o profano. Esta peregrinação se

confunde com um exílio e constitui um percurso purificador. O retorno cósmico e eterno seria uma expiação e ao mesmo tempo uma predestinação, apesar do caráter voluntário deste ato.

O tempo seria mítico e visionário, um tempo cronológico, como diria outra vez Bakhtin, marcado pela dualidade entre "vida e morte", "começo e fim", e do ponto de vista europeu, pelo antagonismo entre "primavera e outono".

Esta concepção tão arraigada de mundo encontra na xilogravura sua mais perfeita tradução. No contraste entre o preto e o branco, na ausência de meios tons, na dramaticidade expressivista do corte da madeira acentua-se esta dicotomia que é uma das características desta produção estética.

Vale a pena seguir o percurso da xilogravura no Nordeste, como decorrência da interiorização da maquinaria obsoleta para os grandes centros, numa vinculação direta com a implantação e o desen-



Xilo: Fazendo a cola - José Lourenço - 92

volvimento da imprensa (SODRÉ, 1982, p. 54).

A xilogravura vinculou-se à capa do folheto, como forma de tornar ágil o processo editorial, já que os clichês demoravam mais de uma semana para chegar das capitais (Recife e Fortaleza).

Aqui, ela ainda mantém uma forte conotação utilitária, da qual se dissociou quando rompeu com o formato exíguo da capa do cordel e com a observância às técnicas de sedução e aos ditames de uma indústria Cultural popular para ganhar "status" de obra de arte.

Os trabalhos xilográficos passaram a ser desenvolvidos em álbuns, com uma proposta definida, um formato padronizado e mesmo algumas práticas da gravura erudita, como assinatura e numeração passaram a ser adotadas.

É sobre um destes álbuns, intitulado "Lira Nordestina" que pretendo destacar alguns pontos, neste relatório.

"Lira Nordestina" foi



Xilo: Tomada geral - José Lourenço - 92

a denominação que a "Tipografia São Francisco", fundada na década de 20, por José Bernardo da Silva, ganhou nos anos 80, quando foi adquirida pelo Governo do Estado do Ceará.

O processo artesanal nordestino guarda muitos resquícios desta herança medieval. Como diz PORTO ALEGRE (1994, p. 26): "tudo se passa quase como se ainda estivéssemos na presença do mestre, seus aprendizes e obreiros, à porta de uma tenda, misto de loja, oficina e lar".

O acompanhamento do processo editorial popular, da chamada literatura de folhetos ou de cordel, acentua o caráter de empreendimento pessoal, mas com esta estrutura em que as pessoas se iniciavam no trabalho e se organizavam numa hierarquia que é descrita por Porto Alegre em seus "Itinerários de Arte e da Tradição".

Estaríamos diante do arremado de "guilhas", que no dizer de BURKE (1989, p. 62) organizavam o trabalho e lazer de seus membros, aglutinando mestres, oficiais e aprendizes em sociedades secretas, com ritos de iniciação e excluindo os que não eram gente honrada.

O álbum "Lira Nordestina" foi desenvolvido por José Lourenço Gonzaga, 30 anos, que se iniciou na gráfica juntando aparas de papel e hoje é mestre impressor e xilógrafo participante de várias coletivas, premiado no âmbito do Ceará e com individual realizada em Amsterdam, na Pulitzer Art Gallery (1992).

Ele é metalinguístico porque discute o próprio ofício tipográfico e pode-se dizer que sua ênfase não está no espaço, mas no tempo, na organização cronológica com que tudo sucede, na orquestração das várias etapas de um mesmo processo. Aqui ele se distancia da proposta medieval de ênfase dos contrastes. O que importa não é o antes e o depois, o crime e a punição, como diz Burke, mas o durante, contrariando a assertiva deste



autor de que "as artes visuais se estendem mais no espaço que no tempo" (BURKE, 1989, p. 160).

"Lira Nordestina" se aproxima de aspectos que seriam da cultura medieval, mas se situaria no limite entre este período histórico e o início da Idade Moderna. Se a estrutura da tipografia se assemelha à do medieval, se o contraste afasta a nuance (do meio tom) e se o tempo é ritual, é nas técnicas de impressão que eles estão envolvidos.

E a xilogravura deixa de ser apenas uma técnica, embora também seja retratada no álbum, para se transformar num ponto de vista, num viés, numa visada sobre a oficina, contemporânea porque baseada na utilização de fotografias como referência icônica. Atualizada também porque "contaminada" por

influências massivas, pela recepção dos meios eletrônicos e por um sentimento de viver um presente, por mais anacrônico que possa ser.

A produção do folheto de cordel é a razão de ser da "Lira Nordestina". E o álbum acompanha a composição, feita da chapa, impressão, revisão, corte da xilogravura da capa, acabamento, colagem da capa, devassando a intimidade da tipogravuras e mostrando o velho baú onde são guardados os clichês e xilogravuras, as gavetas onde eram armazenados os folhetos e até velhas máquinas desativadas, como impressoras e picotadeiras e uma pesada guilhotina em ação.

O artista através de seu olhar caleidoscópico dá conta das múltiplas etapas em que se desdobra



Xilo: Vendedor na Feira - José Lourenço - 92

o processo e o conclui com a venda do folheto na feira. É quando se volta para a Idade Média (Baixa), como o espaço da festa para Bakhtin, a venda de livros nas ruas e pontes para Burke na antevisão da

leitura em voz alta, "da necessidade ou desejo de informação" a que se referiu DAVIS (1990, p. 161).

É um ciclo que se fecha e se perfaz na leitura, num tempo

circular que incorpora o próprio álbum e o próprio xilógrafo como personagem e como elemento de uma visão plural e rica da cultura nordestina.

BIBLIOGRAFIA

- .BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* (O contexto de François Rabelais). São Paulo, Hucitec, EdUnB, 1987.
- .BALTURSAITIS, Jurgen. *Réveils et Prodiges: Les Métamorphoses du Gothique*. Paris, Flammarion, 1988.
- .BURKE, Peter. *A Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Cia das letras, 1989.
- .CARVALHO, Gilmar de. *Publicidade em Cordel*. São Paulo, Maltese, 1994.
- .DAVIS, Natalie Zenon. *Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no Início da França Moderna*. Rio, Paz e Terra, 1990.
- .PORTO ALEGRE, Sylvia. *Mãos de Mestre. Itinerários da Arte e da tradição*. São Paulo, Maltese, 1994.
- .SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

O Autor é professor da Universidade Federal do Ceará e doutorando em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.